

HISTÓRIA DO
CRISTIANISMO
AFRICANO

PATRÍSTICA

EMILIANO JAMBA
ANTÓNIO JOÃO



“Os cristãos africanos antigos tinham um coração jovem. Os jovens africanos de hoje se tornariam mais sábios ao sentar-se aos pés da África jovem de seus ancestrais”.

(ODEN, 2020)

Aos invisibilizados e marginalizados pela história.
Aos desconhecidos cujo sangue regaram a semente
do cristianismo e aos passados silenciados.

SUMÁRIO

prefácio, **15**

introdução, **23**

*entre o sangue e o verbo:
por uma teologia da memória africana*

capítulo 1, **31**

*o grande roubo da história
e o eclipse da África Cristã*

- 1.1.** a colonização da memória e o mito da origem europeia do Cristianismo, **31**
- 1.2.** epistemicídio e desumanização: da cultura ao culto, **36**
- 1.3.** provincializar a Europa: o retorno da fé ao seu berço africano, **41**

capítulo 2, **51**

*reconstruindo o chão vivencial onde brotou o amor: definir
África, descolonizar o conceito e restaurar a unidade*

- 2.1.** fé, história e resistência: o Cristianismo vivido no corpo, **51**
- 2.2.** as sombras sobre o nome “África” (Mudimbe, Mazrui e Ngong), **53**
- 2.3.** o Norte africano em revolução: império, cultura e fé, **56**

capítulo 3, **75**

Cartago na época dos mártires: quando o verbo encontrou abrigo

- 3.1.** no princípio era o Verbo e o Verbo encontrou abrigo no chão do Egito, **82**
- 3.2.** do Egito a Cartago, e deste a Axum [Etiópia]: o caminho africano do Verbo, **90**
- 3.3.** entre a diáspora, Alexandria e Axum, as comunidades cristãs e o cotidiano da esperança, **110**
- 3.4.** os cristãos de Cartago e a fixação do potencial inimigo, **132**

capítulo 4, **147**

entre Deus e o império: o martírio como testemunho de fé

- 4.1.** Cristianismo e poder: lealdade, traição e sacralidade, **147**
- 4.2.** Alexandria, ponte entre dois mundos, **151**
- 4.3.** a Revolução do Amor: A Escola Catequética e a teologia africana da resistência, **160**
- 4.4.** o martírio como expressão política da fé, **187**
- 4.5.** a experiência martirial como *locus* teológico na África cristã antiga, **202**

considerações finais **215**

entre memória e devir: a África como verbo teológico vivo

referências, **219**

O apagamento da história africana e dos povos originários nas Américas é uma denúncia que o movimento negro tem feito há décadas. Por esta perspectiva, podemos também reconhecer que há pouca produção em língua portuguesa que nos ajude a refletir sobre os efeitos do colonialismo e da colonialidade na “teologia”, a qual se apresenta de forma hegemônica como única. Por isso, a importância do livro *História do Cristianismo Africano - Patrística*, de Emiliano Jamba que, mais uma vez, nos presenteia com sua obra para contribuir para este debate. Eu recomendo a leitura de Emiliano pelo intelectual brilhante e engajado que ele é.

Profa. Dra. Adriana Dantas
Faculdade de Educação - USP

Este livro, *História do Cristianismo Africano – Patrística*, desponta como uma leitura fundamental para as pessoas que optam por conduzir suas vivências a partir de uma teologia produtora de vida, cooperação e cuidado. As reflexões nele contidas combinam espiritualidade e crítica à hegemonia eurocêntrica da fé cristã. Apresenta uma perspectiva teológica que restaura e enobrece valores encarnados na realidade africana, como a horizontalidade das relações e vida comunitária, valorizando o miudinho das experiências cotidianas. É uma proposta profundamente crítica,

propositiva e libertadora, pois rompe com estruturas historicamente opressoras e propõe uma (re)leitura transformadora, que profeticamente denuncia uma teologia eurocêntrica e vertical, e anuncia uma teologia enraizada na experiência das comunidades cristãs africanas, convidando a experimentar a fé sem hierarquias ou subalternização. Recomendo a sua leitura, pois ler este livro é encontrar-se com uma perspectiva teológica que retira o continente africano da condição imposta de *objeto* da reflexão teológica, e o coloca no lugar de sujeito que fala de Deus, com sua própria voz, suas memórias e sua história.

Profa. Dra. Valdenice José Raimundo
Coletivo de Acadêmicas Negras Luiza Bairros
Pastoral da Negritude Rosa Parks
Coordenadora do *Instituto Ubuntu*
de Estudos Africanos e Diaspóricos

Os escritos teológicos de Emiliano João são preciosos para quem se interessa pelas teologias contextuais, sobretudo, Negra e Africana. Como nosso irmão de Angola, África, como brasileiros podemos nos encontrar e encantar com ele. Este livro é muito importante, pois nos apresenta algo inédito: *História do Cristianismo Africano - Patrística*. Com certeza, você, leitor ou leitora, vai encontrar neste livro algo de muito especial que o fará refletir teologicamente sobre os papéis desempenhados pelas mulheres africanas e homens africanos no berço da Teologia cristã. Obrigada, Emiliano João, por sua disponibilidade em compartilhar conosco suas preciosas descobertas.

Pr^a Eliad Dias dos Santos
Teóloga metodista, Itália

A obra que temos em mão *História do Cristianismo Africano - Patrística*, de Emiliano João, é uma obra de fôlego, rigor intelectual e profunda

sensibilidade histórica, que se inscreve de forma decisiva no campo das teologias africanas: negras, decoloniais e contextuais. Ao articular Patrística africana com as demandas urgentes da contemporaneidade, o livro rompe com leituras eurocentradas da história do Cristianismo e restitui à África seu lugar de berço, sujeito e horizonte teológico. É neste sentido que entendemos ser a leitura deste livro indispensável para teólogos(as), pesquisadores(as) das Ciências da Religião, estudos africanos, decoloniais, e para todos(as) que buscam pensar a fé e ancestralidade cristã a partir do chão, da memória e da esperança dos povos historicamente silenciados.

GT-Teologia & Negritude/FTL-Campinas

PREFÁCIO

Prefaciар *História do Cristianismo Africano – Patrística*, é aceitar um duplo desafio: o de apresentar uma obra que, por sua densidade e fôlego, fala por si mesma, e o de não diminuir, com palavras introdutórias, a potência do gesto intelectual que ela encarna. Estamos diante de um livro que não se limita a acrescentar mais um título ao campo das teologias africanas; ele intervém decisivamente no modo como narramos a própria história do Cristianismo. Não é exagero afirmar que este trabalho se coloca como um marco no debate em língua portuguesa sobre a Patrística africana, como se pode perceber desde sua arquitetura conceitual e programática.

Há livros que informam, há livros que provocam e há livros que reorganizam o campo. Esta obra pertence a esta terceira categoria. Emiliano Jamba António João não escreve para preencher uma lacuna bibliográfica apenas; ele escreve para deslocar e reordenar o mapa simbólico da fé cristã. O leitor perceberá, logo nas primeiras páginas, que não se trata de um simples levantamento histórico dos Padres africanos da Igreja, nem de uma enumeração celebratória de nomes ilustres. Trata-se de uma reconstrução crítica da memória cristã africana, em diálogo com as demandas contemporâneas decoloniais, pós-coloniais e contra-coloniais — mas sem cair em modismos teóricos ou em *slogans* fáceis.

O autor, Emiliano Jamba António João, tem uma trajetória que reúne, de modo raro e coerente, três dimensões que muitas vezes caminham separadas: a erudição acadêmica, o compromisso público e a experiência existencial de quem escreve a partir de um lugar histórico concreto. Sua produção intelectual não nasce do conforto de uma abstração neutra, mas do encontro entre memória, identidade e rigor científico.

Angolano de nacionalidade, Emiliano traz consigo a marca de uma geração que viveu as consequências prolongadas do colonialismo, das guerras civis africanas e das tensões contemporâneas em torno de raça, fé e poder. Essa experiência não se traduz em discurso panfletário; ao contrário, transforma-se em lente crítica e sensível para ler a história. Sua formação acadêmica sólida revela um pesquisador disciplinado, habituado à análise documental rigorosa, ao debate metodológico e à responsabilidade historiográfica.

Mas Emiliano não é apenas historiador. Sua formação em Teologia e em Direito, bem como suas especializações em Direitos Humanos, Direito Constitucional e Docência em Filosofia e Teologia Contemporânea, ampliam seu horizonte intelectual. Essa pluralidade de campos não fragmenta sua produção; pelo contrário, confere-lhe densidade. Em sua escrita, percebe-se a consciência jurídica das estruturas de poder, a sensibilidade teológica diante do sofrimento humano e a atenção histórica às camadas profundas do tempo.

Há, em sua trajetória, um fio condutor claro: a busca por uma Teologia pública africana que seja, ao mesmo tempo, crítica e enraizada. Desde seus primeiros trabalhos — como os estudos sobre a presença das igrejas protestantes na formação do Estado angolano — até suas publicações mais recentes sobre Teologia Negra, imagética de Cristo e pensamento decolonial, Emiliano demonstra coerência temática. Ele não escreve por modismo acadêmico; escreve porque há uma pergunta que o

move: como narrar a fé cristã sem reproduzir os silenciamentos históricos que marcaram a África e sua diáspora?

Sua produção bibliográfica confirma esse compromisso. Autor de artigos em periódicos qualificados e organizador de obras coletivas sobre *Teologia Africana*, *Teologia & Negritude* e *Cristianismo em África*, ele tem contribuído para consolidar um campo de reflexão ainda pouco explorado em língua portuguesa. Sua atuação como revisor de periódico e como docente em cursos de extensão e pós-graduação demonstra também inserção ativa na comunidade acadêmica.

É possível dizer que Emiliano pertence a uma geração de intelectuais africanos e afro-diaspóricos que recusam a condição de objeto de estudo e assumem o papel de sujeitos da narrativa. Ele não aceita que a África seja apenas campo de análise; ela é fonte, matriz e interlocutora. Essa postura se expressa em sua insistência em reconectar a teologia contemporânea às raízes patrísticas africanas.

O autor inicia seu percurso nesta obra denunciando o “grande roubo da história”. Essa expressão, longe de ser mero recurso retórico, nomeia um processo real: o deslocamento sistemático da África do centro da narrativa cristã para sua periferia. Ao longo dos séculos, consolidou-se a ideia de que o Cristianismo teria sua origem simbólica e intelectual na Europa, como se o continente africano fosse apenas cenário secundário ou receptor tardio da fé. Essa construção historiográfica, que se naturalizou no imaginário popular e acadêmico, produziu uma espécie de amnésia coletiva. O que este livro realiza é, precisamente, um trabalho de memória contra o esquecimento.

Mas a memória aqui não é nostálgica. Ela é crítica, hermenêutica e teológica. O autor não busca uma África idealizada nem uma pureza originária incontaminada. Ao contrário, ele assume a complexidade histórica do Norte da África, de Cartago, de Alexandria, do Egito e da Etiópia, situando-os em meio às tensões políticas, imperiais e culturais

do mundo antigo. A África que emerge destas páginas é um espaço de cruzamento: entre impérios e resistências, entre violência e esperança, entre sangue e verbo.

Um dos méritos mais notáveis desta obra é o modo como ela articula diacronia e sincronia. Emiliano não trata a Patrística africana como passado morto, mas como tradição viva, capaz de dialogar com a teologia africana contemporânea. Ele identifica um abismo entre a produção teológica do século xx — muitas vezes marcada pelo contexto pós-colonial — e as raízes antigas do Cristianismo no continente. Em vez de aceitar essa ruptura como inevitável, ele a problematiza e propõe uma reconexão. Esse gesto é teologicamente fecundo: reconectar não é retroceder, mas aprofundar.

A leitura do livro revela também um compromisso metodológico sério. O autor se move entre história, teologia, filosofia e teoria crítica com segurança. Ele dialoga com autores como Achille Mbembe, Mudimbe, Ngong, Diop e Obenga, mas não se torna refém deles. Sua escrita demonstra autonomia intelectual. Ele apropria-se dessas contribuições para iluminar a tradição cristã africana, e não para submeter a teologia a um esquema externo. Essa capacidade de transitar entre campos distintos, mantendo a coerência do projeto, é rara e merece reconhecimento.

Outro aspecto digno de nota é o tratamento dado ao conceito de “África”. O autor sabe que não basta reivindicar a africanidade da Patrística; é preciso problematizar a própria categoria “África”, marcada por cartografias coloniais e disputas identitárias. Ao enfrentar essa questão, ele evita tanto o essencialismo simplificador quanto a fragmentação ideológica que separa Norte e Sul do continente como se fossem mundos inconciliáveis. Sua defesa de uma perspectiva continental, que reconhece diversidade sem negar unidade, é uma contribuição significativa para o debate teológico.

Se a primeira parte do livro reergue o chão roubado da teologia africana, a segunda parte teologiza o pulsar da prática martírica no continente enquanto testemunho de fé. Ao dedicar-se ao martírio, Emiliano realiza um gesto de justiça histórica e teológica. Ele não os reduz a figuras piedosas nem a meras vítimas do Império. Ele os apresenta como sujeitos teológicos, mulheres e homens que viveram a fé no corpo e no cotidiano, que fizeram do martírio um lugar de resistência e de elaboração espiritual. Ao fazer isso, ele antecipa e fundamenta o projeto da Matrística africana, ampliando o horizonte da tradição.

Há, nesse ponto, algo particularmente belo na obra: a recuperação da dimensão encarnada da teologia. O Cristianismo africano antigo não aparece aqui como sistema abstrato de ideias, mas como experiência vivida. A fé é narrada como prática, como decisão concreta diante do poder imperial, como coragem diante da morte. A teologia não é apenas discurso; é testemunho. E esse testemunho, nascido em solo africano, moldou decisivamente o pensamento cristão universal.

O leitor perceberá também que o autor não escreve com ressentimento, mas com lucidez. Ele denuncia a colonialidade, o epistemicídio e a fabricação ideológica de categorias, mas o faz com espírito de diálogo. Sua proposta não é substituir uma hegemonia por outra, mas estabelecer horizontalidade. Essa postura é, ao mesmo tempo, crítica e construtiva. Ela revela maturidade intelectual e compromisso com uma teologia que não se fecha em guetos identitários.

Não se pode deixar de mencionar o estilo. Emiliano escreve com vigor, mas também com sensibilidade literária. Expressões como “entre o sangue e o verbo” ou “reerguer o chão roubado” não são meros adornos; elas sintetizam o projeto da obra. A escrita tem ritmo, densidade e, por vezes, uma poética discreta que ilumina o argumento. Há momentos em que a análise histórica cede lugar a uma reflexão quase contemplativa, sem

que isso comprometa o rigor acadêmico. Essa combinação de erudição e imaginação é um dos encantos do livro.

Além disso, há uma alegria subjacente ao texto — a alegria de quem descobre, redescobre e partilha. Mesmo ao tratar de violência imperial, martírio e apagamento histórico, o autor deixa transparecer esperança. Ele acredita que a memória pode restaurar, que a tradição pode renovar e que a teologia pode ser instrumento de vida. Essa tonalidade esperançosa impede que o livro se torne pesado ou fatalista. Ao contrário, ele convida à ação e ao pensamento criativo.

Outro ponto alto é a coragem de enfrentar a apropriação ocidental de figuras como Tertuliano, Cipriano, Atanásio e Agostinho. Sem negar sua relevância para a tradição universal, o autor reivindica seu pertencimento africano. Ele mostra como a exclusão do Norte da África da narrativa do Cristianismo africano é ideológica e historicamente insustentável. Ao reintegrar essas figuras à história continental, ele amplia a compreensão do que significa “teologia africana”.

Este livro também tem importância pedagógica. Para estudantes de teologia, história, ciências da religião e estudos africanos, ele oferece um quadro interpretativo sólido e provocador. Para comunidades cristãs, ele oferece consciência histórica e dignidade. Para pesquisadores, ele abre trilhas de investigação ainda pouco exploradas. E, para leitores em geral, ele oferece uma experiência intelectual que desafia e enriquece.

Prefaciá-la esta obra é, portanto, um privilégio. Porque ela não é apenas mais um livro; é um ato de memória e de reparação. É um convite a repensar a narrativa dominante. É um chamado a reconhecer que o Cristianismo não apenas passou pela África, mas foi moldado por ela. É também um gesto de amor — amor pela história, pela verdade e pela fé vivida.

Que o leitor e a leitora se aproximem destas páginas com abertura e coragem. Que aceitem ser deslocados em suas certezas. Que se permitam

ouvir vozes antigas que ainda ecoam. E que, ao final da leitura, possam reconhecer que a história do Cristianismo é mais ampla, mais diversa e mais africana do que muitas vezes se ensinou.

Se “do sangue nasce a memória, e da memória o verbo”, então este livro é verbo restaurado. É palavra que emerge da terra africana, carregada de história e esperança. E é, sem dúvida, uma contribuição indispensável para o pensamento cristão contemporâneo.

Com admiração sincera, apresento esta obra ao público. Que ela circule, provoque, inspire e permaneça.

Feira de Santana (Bahia), 17 de fevereiro 2026.

Brian Kibuuka
Professor de História Antiga e Medieval da Universidade Estadual
de Feira de Santana. Membro Integrado do Centro de Estudos
Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

INTRODUÇÃO

ENTRE O SANGUE E O VERBO: POR UMA TEOLOGIA DA MEMÓRIA AFRICANA

Vivemos um tempo em que as críticas à colonialidade do saber, às políticas necropolíticas e à história única tornaram-se mais consolidadas. A denúncia do epistemicídio já ocupa espaços acadêmicos e eclesiais¹. No entanto, paradoxalmente, enquanto tais categorias ganham legitimidade,

1 O termo “colonialidade do saber” foi sugerido pelo pensador decolonial Walter Dignolo, relacionando o colonialismo à não existência do “outro”, que passa a ser submetido a uma negação sistemática e a uma determinação constante de sua essência e do seu ser. Porém, estudos anteriores como o de Aimé Césaire, Frantz Fanon e W.E.B. Du Bois já haviam refletido sobre como a colonialidade do ser se manifesta nos corpos dos sujeitos que foram subalternizados pelo processo colonial. Cf. QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. In: Anuário Mariateguiano. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997; QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (Org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005; MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade. nº 34; FANON, Frantz. Pele negra máscaras brancas. São Paulo: Ubu, 2020; DU BOIS, W.E.B. As Almas do Povo Negro. São Paulo: Veneta, 2021; CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o Colonialismo. São Paulo: Veneta, 2020. Ver também: MBEMBE, Achille. Necropolítica. São

também se intensificam políticas de extermínio simbólico e material, discursos extremistas e retrocessos civilizatórios. É nesse contexto que este livro se insere: não como modismo teórico, mas como exercício de memória, responsabilidade e reparação.

Assim, o presente livro nasce de uma inquietação histórica e teológica: como narrar o Cristianismo sem repetir o eclipse da África na história da fé? Como falar de Patrística sem reconhecer que parte significativa de suas fontes, debates e testemunhos emergiu do solo africano? E, sobretudo, como construir uma Teologia africana contemporânea que não permaneça desconectada de suas próprias raízes antigas?

A obra se move a partir de quatro eixos fundamentais. Primeiro, a contextualização contemporânea e o surgimento de uma teologia africana. Segundo a denúncia do “roubo da história” e da colonização da memória que deslocou a África do centro da narrativa cristã. Terceiro, o diálogo entre Patrística e Matrística africanas como espaços de reconstrução da tradição². Por fim, a escrita como gesto de comunhão com os mortos, como honra ancestral e como prática reparadora.

Embora existam esforços relevantes de recuperação histórica do Cristianismo em África, ainda é escassa, especialmente em língua portuguesa, uma elaboração teológico-sistemática que conecte a produção patrística/matristica africana à cosmopercepção africana³. Frequentemente, os Padres e Madres da Igreja são reconhecidos como africano(a)s apenas

Paulo: NI edições, 2021; ADICHIE, C. O Perigo de Uma História Única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

2 O segundo exercício “Matristica africanas” será feito em uma obra a parte.

3 É verdade que esforços têm sido evidenciados sobretudo na tradução de alguns livros como de Oden (2020); Eastman (2023) e Baur (2014) ou na recente escrita de Deniro Machado (2024). Entretanto, ao nosso ver, estes fazem mais o resgate de uma história do cristianismo e da Teologia cristã em África do que a construção teológico-sistemática do cristianismo patrística africano.

geograficamente, mas suas teologias são interpretadas como se fossem extensões naturais de um universo europeu que ainda não existia como tal. Transpassando deste modo, ao leitor e leitora destes textos, a sensação de serem os pais e mães africanos(a) sujeitos africano(a)s produzindo teologias em linguagem desconexa do seu contexto cultural africano. Falta, ao nosso ver, um nexos causal entre a produção teológica da Patrística / Matrística africana e a cosmopercepção africana que se constitui ao final do dia no eixo de qualquer produção teológica, ou como diria Tempels (2025)⁴ na “força vital” ou substrato do fazer teológico africano.

Em vista disto, circunscrever os Pais e as Mães da Igreja ao território africano é apenas o primeiro passo. É preciso avançar. É necessário analisar sujeito por sujeito, texto por texto, tradição por tradição, dentro de um macrocontexto que leve a sério a cosmogonia africana. Foi em razão da busca desta profundidade que separamos este livro em dois conjuntos. Neste primeiro conjunto analisaremos a questão da patrística ao passo que no segundo conjunto nos voltaremos em destrinchar a Matrística africana.

Este exercício teológico, só é possível de ser feito quando compreendemos que a Teologia não é uma realidade acabada nem uma herança cristalizada; ela é esforço humano diante do silêncio divino, é resposta provisória ao drama da teodiceia, é eco do grito do Cristo abandonado e das múltiplas experiências históricas de abandono e resistência.

O presente livro também busca diminuir o abismo entre a Teologia africana contemporânea — especialmente aquela consolidada a partir da segunda metade do século XX — e a produção teológica dos primeiros séculos no continente⁵. Enquanto tradições ocidentais frequentemente

4 TEMPELS, Placide. *Filosofia bantu*. Petrópolis: Vozes, 2025.

5 Isto porque apesar de haver diversos textos sobre teologia africana, sobretudo após a década de 50 - período este convencionalizado como sendo o marco histórico do fazer teológico contextual e sistemático africano

recorrem à Patrística como fundamento de suas construções teológicas, a Teologia africana raramente reivindica essa herança como parte orgânica de sua própria história. O resultado é uma ruptura artificial que empobrece ambas as pontas: o passado torna-se peça de museu, e o presente perde profundidade histórica⁶.

Ao propor essa reconexão, não buscamos nostalgia nem idealização. Pois, como veremos ao longo das páginas deste livro a África antiga foi palco de conflitos imperiais, disputas doutrinárias, tensões culturais e violências estruturais. No entanto, foi também espaço de elaboração teológica decisiva para o Cristianismo universal. Entre perseguições e martírios, floresceram reflexões que moldaram a fé cristã em sua dimensão doutrinária e espiritual.

O conceito de “África”, por sua vez, não pode ser tratado de maneira ingênua. A própria categoria foi marcada por cartografias coloniais e divisões ideológicas que fragmentaram o continente, separando Norte e Sul como se fossem realidades inconciliáveis. Ao longo do livro, defendemos uma perspectiva continental que reconhece diversidade sem abrir mão da unidade histórica e geográfica. Limitar o Cristianismo africano ao espaço Saariano ou subsaariano é reproduzir um dualismo que obscurece tradições antigas da Etiópia, do Egito, da Núbia, de Cartago e de Alexandria etc.

- dificilmente encontramos nestes textos uma alusão direta às teologias produzidas pela Patrística, o que transparece um enorme abismo entre a produção da Patrística africana e estas recentes produções, como se as primeiras não deixassem legado algum à segunda. Legado este que é muito comum de observar nas produções teológicas ocidentais que usam da Patrística enquanto elemento basilar de suas teologias.

6 Sobre esta crítica recomendamos ler a introdução de NGONG, David. *A new History of African Christian Thought: from Cape to Cairo*. New York: Routledge, 2017, a quem fomos muito influenciados para a escrita deste livro.

Nesse horizonte, o martírio ocupa lugar central. Ao recuperar estas memórias martíricas, não buscamos apenas narrar episódios de perseguição imperial, mas reconhecer homens e mulheres africanos e africanas enquanto sujeitos teológicos. A Matrística africana por exemplo - que aqui começa a ganhar contornos e desenvolvemos em outro livro -, nasce do reconhecimento de que muitas mulheres viveram, pensaram e transmitiram a fé como prática encarnada de resistência. Elas não foram apenas vítimas da história, mas intérpretes do Evangelho no corpo e na comunidade.

Metodologicamente, este livro articula diferentes caminhos: círculo e espiral hermenêutica na leitura dos textos bíblicos, análise histórica crítica, diálogo com a História Oral — conforme sugerido por Joseph Ki-Zerbo — e instrumentalização consciente do passado à luz das demandas contemporâneas⁷. A opção metodológica central, contudo, é a da Teologia africana: ler a tradição patrística com as perguntas do presente, sem anacronismo, mas também sem submissão à narrativa hegemônica⁸.

Dialogamos com pensadores como Achille Mbembe, cuja reflexão sobre o “devir africano” nos ajuda a compreender os desafios contemporâneos, e com autores que problematizam a própria invenção da África enquanto categoria histórica⁹. No entanto, o livro não se reduz a um exercício teórico. Seu propósito é pastoral, político e espiritual: revitalizar uma tradição para que ela responda às urgências do agora.

7 KI-ZERBO, Joseph (Editor). História Geral da África, v. 1. 2ed. Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

8 JOÃO, Emiliano Jamba António; ESTENDAR, Júlio Macuva. Teologia Africana em Perspectiva: Religiosidade, Cultura e Política. São Paulo: Recriar, 2020.

9 O Devir negro são os signos ou categorias africanas que se erguem para contrapor a universalidade ocidental ou, quando não, constituir um mundo do “em-comum”. MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. São Paulo: NI edições, 2018.

A obra está assim estruturada em duas grandes partes. Na primeira, buscamos reerguer o chão roubado, denunciando a colonização da memória e recolocando a África no centro da narrativa cristã. Na segunda, aprofundamos a análise acerca do martírio africano e da base vivencial da teologia que emergiu de seu testemunho: Um grito africano de fé e (re) existência em meio a cultura de mortes. Foi entendendo a potencialidade deste fenômeno que extraímos dele implicações teológicas para a contemporaneidade, articulando o que denominamos “devir africano no mundo” — categorias e signos que desafiam universalismos excludentes e apontam para um mundo do “em-comum” (MBEMBE, 2018).

Se este livro tem um gesto fundamental, ele é este: devolver a memória ao seu lugar. Não para substituir hegemonias, mas para estabelecer horizontalidade. Não para romantizar o passado, mas para reconhecer que o Cristianismo não apenas passou pela África — ele foi moldado por ela.

Entre o sangue e o verbo, nasce a memória. E da memória pode emergir uma teologia mais consciente de suas raízes, mais honesta com sua história e mais comprometida com a vida.

Boa leitura!

PARTE I

**REERGUER O CHÃO ROUBADO:
ÁFRICA COMO BERÇO E HORIZONTE DO CRISTIANISMO**

“Do sangue nasce a memória, e da memória o verbo”

CAPÍTULO 1

O GRANDE ROUBO DA HISTÓRIA E O ECLIPSE DA ÁFRICA CRISTÃ

Os cristãos africanos antigos tinham um coração jovem. Os jovens africanos de hoje se tornariam mais sábios ao sentar-se aos pés da África jovem de seus ancestrais.¹⁰

1.1. A colonização da memória e o mito da origem europeia do Cristianismo

Escrever um livro como este é de uma dificuldade gigantesca por motivos já há muito denunciados pelos pesquisadores que se debruçaram sobre a incursão do Cristianismo em solo africano ou, dito de forma inversa, sobre o lugar da África na historiografia da fé cristã. Uma historiografia geralmente contada e escrita sob a perspectiva narcisista ocidental, cujo legado para a história do Cristianismo foi o apagamento de sujeitos e de contextos outros não pertencentes ao universo ocidental.

10 ODEN, Thomaz C. **Quão africano é o Cristianismo?** São Paulo: Quitanda, 2020, p. 115.